

# FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: DESAFIOS DAS PRÁTICAS DOCENTES EM FACE DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Continued teacher training: challenges of teaching practices in face of Digital Information and Communication Technologies

Maria Cláudia Maquêa Rocha Mattia<sup>1</sup>

Vera Maquêa<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma abordagem dos desafios colocados à profissão docente pelo desenvolvimento tecnológico, num mundo de mudanças rápidas e radicais no campo do conhecimento, sua produção, ensino, divulgação e aplicação das novas tecnologias. Nosso objetivo é contribuir para uma melhor compreensão dos diálogos que se estabelecem a partir do uso dessas tecnologias e da formação de professores como um processo contínuo e necessário. Nessa propositura, valemos do pensamento de alguns autores que apresentam análise crítica sobre a formação continuada de professores em relação às TDIC nas escolas brasileiras, a partir das ideias de Freire (1981, 2015), Silva (2009), Kenski (2012), Libâneo (2001), dentre outros teóricos, em que se verificam avanços e limites na educação nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação continuada. Identidade docente. TDIC.

**ABSTRACT:** This article presents a change approach for teacher learning through technological development, a world of rapid and radical changes in the field of knowledge, its production, teaching, dissemination and application of new technologies. The aim is to help better understand the dialogues that are established, so that the technologies and training processes are a continuous and necessary process. In this proposal, they use the work of some authors who present a critical analysis of a continuous formation of teachers in relation to TDIC in Brazilian schools, based on the ideas of Freire (1981, 2015), Silva (2009), Kenski (2012), Libâneo (2001), among other theorists, where can we see the advances and the limits in national education.

**KEYWORDS:** Teacher formation. Teacher identity. TDIC.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Unemat, Profa. do Centro de Formação de Professores – CEFAPRO e da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC/MT. E-mail: cmaquea@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Pró-Reitora de Ensino de Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), gestão 2015-2018. E-mail: maqueav@unemat.br

*The speed that casts the prospect of taming and assimilation of innovations beyond the ordinary human's capacity must overshoot any target made to the measure of the already recorded demand (Zygmunt Bauman, in Liquid modern challenges to education)*

É fato que a sociedade contemporânea tem se caracterizado acentuadamente pelos avanços tecnológicos que marcaram a virada do século XX, principalmente no que se refere ao setor da tecnologia eletrônica, com destaque à informática, aos computadores e à *internet* em todo o mundo. Tais inovações tecnológicas provocaram transformações nos modos de produção das diversas sociedades, alterando com visibilidade as formas de organização da vida e do trabalho. Consequentemente, tais mudanças trouxeram impactos na área da educação, interferindo profundamente no modo de viver, de sentir e de agir das pessoas. Por sua vez, as tecnologias digitais impulsionaram avanços significativos no campo científico e tecnológico, convocando os profissionais envolvidos com a educação a pensar e elaborar, numa perspectiva inovadora, abordagens e metodologias para a formação docente, seja na educação básica, seja na educação superior.

O presente artigo aborda essa temática relevante na busca de compreensão dos desafios postos pelas mais recentes tecnologias, em especial, aquelas que provocam transformações no modo como as pessoas aprendem, nas suas diversas fases, no contexto escolar.

Com base nos fundamentos teóricos de Freire (2015) os espaços e as possibilidades vivenciados no campo da pesquisa no interior de universidades e instituições de ensino abrem um universo amplo de descobertas científicas e se aproximam de diferentes realidades, alcançando um lugar privilegiado, pois o campo de investigação se abre para novos olhares críticos sobre os espaços educativos e, em especial, sobre as pessoas com as quais são compartilhadas a pesquisa e a experiência de ensinar/aprender. Nesse sentido, Paulo Freire salienta que

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (2015, p.30).

Esse grande educador convoca-nos a refletir sobre a importância de se fazer pesquisa e aponta que um dos elementos fundamentais para descobertas é a

curiosidade. Não há como desenvolver pesquisa se não temos uma pergunta, se não aguçamos a nossa imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de fazer suposições acerca do assunto a explorar, na busca de uma resposta ou da compreensão de alguma coisa.

Em se tratando da formação permanente dos professores e das professoras, Paulo Freire (2015, p. 40) salienta que “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Ou seja, no horizonte da formação continuada à ação docente deve ser tomada como um processo permanente de busca, de pesquisa, descoberta, elaboração, suposição, sendo necessário abrir-se à intervenção da própria realidade em que se insere o professor pesquisador. Desse modo, as interfaces teoria e prática são processos indissociáveis nas relações objetivas e subjetivas que os indivíduos estabelecem entre si no âmbito do conhecimento.

Durante a constituição de nossa trajetória profissional é possível vivenciar inúmeros desafios e problemáticas que, envolvendo os processos de ensino-aprendizagem dos alunos, apresentam características diferenciadas uns de outros, tanto pessoais, quanto culturais e psicológicas, demonstradas por meio de seus mais variados ritmos e pensamentos, nas suas formas de ser, sentir e agir.

Os atuais desafios, atrelados às mudanças da sociedade aceleradamente modificada pelas implicações geradas pelo uso frequente de novos equipamentos e recursos tecnológicos, adentram os espaços escolares e convocam educadores e gestores da educação a reverem programas e práticas pedagógicas que, a cada dia, parecem responder, com menor relevância, às necessidades dos alunos e às suas próprias. Porém, ainda de forma muito silenciada pelo conjunto de atores escolares responsáveis pelo fomento de pesquisas e estudos, esses desafios se instalam de modo irreversível, para além das tradicionais formas trabalhadas na escola ao longo da história das instituições educativas. As crianças e os jovens desta geração de redes virtuais estão sendo concebidas dentro de um contexto social que se concretiza de forma digital; manifestam interesses próprios diante das lutas de seus grupos, nos quais se identificam como pessoa e, ainda, recusam-se a viver e interagir em um mundo que resiste a mudanças.

Assim, o aluno do nosso tempo, despontando em um terreno de interesses que muitas vezes são confrontados de modo antagônico, ora com certa ausência de

maturidade para refletir e analisar a sociedade em sua complexa conjuntura social e política, ora impondo suas marcas originais, seus tempos e espaços a fim de fortalecer os seus anseios como ser humano que está em constante travessia no tempo indefinido de aprender, esse aluno, reivindica participar da modernidade nas dimensões de suas conquistas.

A vasta complexidade que define o ser humano em suas trajetórias particulares, sobretudo, nas diversas maneiras de se constituir socialmente, traz a necessidade que é inerente ao próprio indivíduo: reconhecer que é preciso buscar o autoconhecimento, de si, de suas emoções, questionando as verdades e as incertezas em face do mundo. Com isso, seria possível adquirir competências mais gerais, mais sólidas e consistentes para interpretar as situações da vida, do trabalho, intervindo criticamente e desenvolvendo ações efetivas para mudar o estado das coisas.

Uma educação integral de crianças, jovens e adultos, que restitua e fortaleça os valores humanos, da ética e de princípios compartilhados no cotidiano de vida das pessoas para modificar significativamente a sua participação, com cidadania, nos setores sociais, sejam políticos, econômicos ou culturais. Uma educação em que o povo tenha voz ativa sobre os modos de produção de sua vida, sentindo-se pertencido nas lutas e decisões de seu país, sua cidade, sua escola.

Então, se um dos grandes desafios para as próximas gerações é fazer com que o ser humano seja capaz de gerenciar uma gama de informações midiáticas que adentram todos os dias o interior das casas de milhões de pessoas, tentando persuadi-las ao consumo, é preciso refletir sobre quais caminhos seriam viáveis para a formação cidadã que pudesse tornar positiva a utilização dessas forças.

Falar, vivenciar e integrar-se no campo educacional é por si só um terreno de constante preocupação, pois os desafios trazidos de fora dos muros da escola, pelos estudantes com suas vivências sociais, colocam novos papéis para os profissionais que nela atuam. Além disso, destina-se à escola um papel social diferente na formação de novos perfis profissionais, preocupando-se em construir e reelaborar espaços democratizados que valorizem a cultura, a vida na família, nas ruas e com estreita relação com os conhecimentos construídos sistematicamente a partir das experiências escolares.

Se os alunos estão imersos nas tecnologias, a escola precisa redefinir-se, pois fazem parte de uma geração em que o uso de recursos tecnológicos está presente

em quase todas as suas atividades, com acentuado destaque na vida dos adolescentes e dos jovens. Por fazerem uso constante das tecnologias, as novas realidades sociais se abrem para o mundo digital, de tal maneira que a escola não pode ficar ausente dessas alterações, principalmente das relações de poder das mídias. Sabe-se que os alunos que chegam à escola dominam bem as tecnologias, mas sem um filtro qualitativo das informações e conhecimentos veiculados, tornando esse tema um assunto de grande desafio para as pesquisas na área da educação. Pois, se de um lado, tanto os alunos quanto os professores sentem que é preciso avançar e fazer uso de recursos tecnológicos mais modernos, de outro lado, falta-lhes o preparo para efetivar o seu uso nas atividades pedagógicas escolares e tantos outros mecanismos para a sua aplicação. Tal problemática acontece por vários motivos, que neste estudo, procuramos abordar de forma mais detalhada.

A nossa percepção parte do cotidiano escolar, observando que as metodologias aplicadas não estão promovendo mudanças significativas nas práticas de ensino e que os alunos não estão apresentando bom desempenho na aprendizagem. As aulas tendem a permanecer restritas aos conteúdos dos livros didáticos, à lousa e ao giz, raramente uma transmissão de um vídeo ou de uma música, em geral, sem conexão com os assuntos estudados. Se a voz do professor em muitos casos continua sendo uma das ferramentas mais utilizadas como recurso didático-pedagógico pela maioria, não é sem desconforto que isso acontece.

Se observarmos de perto, podemos perceber que essa situação ainda é encontrada, mas os professores compreendem que não é possível conservar práticas e metodologias que se distanciam da realidade das tecnologias. Os estudantes, nesses modelos tradicionais, afastados dos processos de aprendizagem, apresentam cada vez mais limitações na aquisição de conhecimentos relacionados à leitura, à escrita, às operações matemáticas e ao pensamento crítico. Alheios às aprendizagens de sala de aula, muitas vezes, em situações conflituosas com os seus professores e demais profissionais da escola, tornam-se problemas que ultrapassam o âmbito da atividade escolar e dos processos formativos. Isso nos remete a pensar uma problemática agravante: possivelmente, a escola está deixando de ser um lugar interessante, desafiador e tornando-se dissociada do interesse dos alunos que estão centrados na *internet*, no celular, nos jogos *online*, e que acaba por ignorar essas questões tão relevantes para essas pessoas nos dias atuais.

A temática direcionada às TDIC dentro e fora da escola, no sentido de estimular a reflexão individual e coletiva sobre a importância da participação dos professores na formação continuada, contribuindo também, no sentido de valorizar o chão da escola como um espaço vivo e dinâmico no compartilhamento do conhecimento e das experiências vivenciadas entre professores, coordenadores e gestores, alunos, fortalece as lutas dos profissionais da educação em busca de melhorias do ensino nas escolas públicas de todo o país.

Em pleno ano de 2018, a educação apresenta um quadro preocupante, em que boa parte dos alunos matriculados nos anos posteriores à alfabetização encontra-se em processo inicial de aquisição da leitura e da escrita, haja vista que existe um número significativo de alunos que não lêem e não escrevem de forma autônoma como atestam pesquisas e relatórios oficiais. Contudo, a ideia que temos sobre essa questão é que se a escola explorasse em seu currículo as tecnologias educacionais e inserissem temáticas e abordagens específicas relacionadas a elas na formação dos docentes, seria uma forma de iniciar uma ruptura das práticas tradicionais de desenvolver o ensino.

Compreendemos desse modo, por meio de questões debatidas nos encontros destinados à formação continuada de professores, que a formação ainda encontra muitas fragilidades, pois verificamos nos últimos anos que a cada troca de governo a formação continuada nas escolas sofre alteração e as políticas públicas de formação de professores ficam prejudicadas, o trabalho docente fragmentado e sem continuidade nos projetos educacionais. Os recursos financeiros são reduzidos impossibilitando o alcance das metas expressas no Plano Nacional e Estadual de Educação, de atender as demandas de toda a população quanto às fragilidades encontradas nas salas de aula pelos professores, principalmente no trabalho com as tecnologias educacionais desde a primeira etapa do ensino Fundamental.

No percurso dessas nossas reflexões, buscamos compreender como a formação continuada de professores contempla as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e quais as suas implicações na prática pedagógica dos professores de uma escola estadual do Ensino Fundamental do Estado de Mato Grosso. A temática encontra o seu ponto relevante de investigação quando lançamos um olhar sobre as questões da formação de professores em relação às TDIC.

Durante as etapas desse nosso estudo, procurou-se identificar por meio da observação *in loco* nas salas de aula dos professores pesquisados e no espaço da formação continuada, qual é a concepção que os professores trazem da formação continuada e como articulam aspectos da formação com as práticas desenvolvidas em sala de aula relativas ao uso das tecnologias.

Nesse sentido, Kenski (2012) assegura que os professores bem qualificados, apresentam-se mais seguros para lidar com a diversidade de seus alunos. Segundo a autora, não visualizamos outra maneira de avançar a não ser conectando-se ao mundo, às descobertas, às formas de comunicação via rede, à formação continuada de forma significativa, enfim, para um trabalho inovador e que atenda as diferentes realidades das novas gerações denominadas *net*.

O quadro atual de exigências posto pela nova sociedade da informação digital nos instiga a centrar esforços na busca pela compreensão dos processos históricos e sociais da educação que contribuíram para caracterizar essa realidade. As tecnologias precisam adentrar a escola do mesmo modo que a formação precisa adentrar a profissão do professor, pois, segundo Silva (2009, p. 36), a aprendizagem do professor está relacionada às trocas de experiências da profissão, sendo que é “no exercício de trabalho que, de fato, o professor produz sua profissionalidade”.

As questões relativas à formação nos remetem a pensar novas formas de se fazer educação, implicando pensar o homem em sua totalidade de vida e em constante conexão com as diversas esferas sociais. Por isso, inspiramo-nos na lição do mestre Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1981, p. 87).

Ao conceber o ser humano e a educação em um processo de correlação, a abordagem da formação continuada ganha a sua relevância quando considera os professores, os alunos e os demais atores educativos, como sujeitos históricos, com modos particulares e heterogêneos de aprender e de ensinar. Assim, as trocas de experiências podem possibilitar a constituição de sujeitos reflexivos e dialógicos, podendo interagir e agir diante das situações da vida pessoal e profissional.

Por entender que a formação de professores pode se constituir um espaço rico de diálogo permanente, em que os professores comunicam suas estratégias de ensino, colocando-se diante do outro como fonte de crescimento e de construção de

novos saberes científicos e práticos, é que lançamos o desafio de desenvolver estas reflexões.

Entendemos que as leituras constantes desses autores trouxeram fortalecimento à reflexão sobre aspectos ligados à formação continuada possibilitando formulações críticas acerca das relações entre a teoria e a prática pedagógica. Desse modo, constatamos que os profissionais envolvidos com os processos educacionais pensam nas diferentes formas de ressignificar sua ação docente, permitindo-os articular os conhecimentos presentes na produção de novas epistemes, a partir de uma ou de várias realidades nas quais os alunos, professores e comunidade escolar se inserem e por meio das quais interagem.

Sabedores das atuais mudanças que vem ocorrendo de forma veloz na vida dos cidadãos do mundo inteiro, em especial, na vida dos brasileiros, as TDIC tem sido uma das grandes influenciadoras e também modificadoras das relações humanas presentes nos dias de hoje. Relações são fortemente controladas e legitimadas em suas diferentes situações, por meio do poder das mídias que induzem e determinam modos de ser, pensar e agir do ser humano diante de suas múltiplas realidades, precarizando valores e direitos humanos. O que na sociedade contemporânea tem trazido muitas consequências desastrosas na convivência entre homens e mulheres, entre crianças e jovens, entre nações que estão sendo atingidas ou empurradas para a miséria, pela fome e pela ignorância, em que governos implantam seus projetos, de interesses particulares, visando puramente o capital, esquecendo-se da diversidade social que aflora o universo.

Desse modo, no contexto de rápidas transformações globais percebem-se fragilidades quando estados e governo nacional instituem políticas formativas de professores de forma descontinuada e sem relação direta com as diferenças culturais e sociais, distantes dos modos próprios de cada população. De um lado, o que se observa a cada transição de governo são interesses individualizados e pensados por um grupo reduzido de pessoas que não compreendem de fato as reais condições em que ocorrem os processos de aprendizagem dentro das salas de aulas por todo o país, bem como as necessidades formativas apresentadas pelos profissionais da educação. Vê-se, dessa maneira, que são mantidas relações de trocas de interesses políticos e colocados à parte por quem se encontra no poder, não efetivando uma

educação integral e com a qualidade prescrita no corpo da legislação do país, como da Constituição Federal.

De outro lado, as instituições educativas que lidam com formação humana necessitam urgentemente de efetivação de uma política pública de formação que seja levada a sério como um projeto político de Estado e de nação, em que todos os órgãos sejam partícipes e responsáveis pela implantação e implementação das ações e das leis que regem os direitos de aprendizagem dos cidadãos, a começar pensando uma proposta de formação de professores que contemple o indivíduo em suas complexas e múltiplas dimensões humanas que, independentemente de sua classe socioeconômica, as pessoas tenham acesso às diferentes formas de conhecimento, inclusive o direito ao acesso às TDIC nas salas de aula.

Entendemos aqui que o trabalho com as tecnologias não é o que vai trazer mudança significativa na vida em sociedade, mas é essencial na construção de uma escola em que o conhecimento seja considerado a base de todo o desenvolvimento tendo o seu potencial a ser desenvolvido através da comunicação humana, seja ela virtual ou presencial. Posto isso, o que se tem a ponderar é que em pleno século XXI, diante de tantas exigências profissionais e pessoais, não se tem como ficar neutro do movimento presente nas tecnologias digitais, pois cada vez as pessoas fazem uso de equipamentos inovadores e utilizam recursos midiáticos que alteram suas maneiras de compreender e viver o mundo que se tornou globalizado devido às relações de interesses econômicas estabelecidas entre povos e cultura em todo o mundo.

Nessa direção, apresenta-se a nós o seguinte questionamento: O que cabe à educação enfrentar com relação às revoluções científicas, sociais, educacionais e humanas? Como podemos aproximar o humano desse mundo físico amplamente oxigenado pelas aparelhagens tecnológicas? Segundo Kenski (2012, p. 64),

Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que preparar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias de informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas.

De acordo com a autora, a escola tem um lugar significativo e de grande relevância na formação do ser humano e, por meio dela, pode haver possibilidades de reconstrução de uma sociedade com pessoas autônomas e participativas nos sistemas sociais. Em se tratando da educação voltada para o uso e domínio das tecnologias, a escola, diante do processo de elaboração do conhecimento humano, não pode perder de vista sua posição como instituição formativa de destaque, pois como salienta Kenski,

“a ação docente mediada pelas diferentes tecnologias é uma ação compartilhada. Já não depende apenas do professor, isolado em sua sala de aula, mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento das situações de ensino” (2012, p. 105).

Conforme a autora, a maneira de ensinar na escola passa a implicar novas posturas profissionais onde todos os envolvidos tomam posturas mais flexíveis, porém comprometidas a partir de um mesmo objetivo a ser alcançado. Para isso acontecer, é necessário que mantenham constantes trocas de experiências e diálogos entre alunos, professores sobre as tecnologias que serão usadas como ferramentas educacionais como possibilidades de elaborar e reelaborar metodologias compatíveis com os diferentes ritmos de aprendizagens dos alunos.

Nesse mesmo diapasão, para Libâneo a escola é um lugar formativo que possibilita crescimento pessoal e profissional aos docentes. Conforme o autor:

A escola é vista como um ambiente educativo, como espaço de formação. [...] [...] um lugar em que os profissionais podem decidir sobre seu trabalho e aprender mais sobre sua profissão [...]. Há muitos exemplos de que a organização escolar funciona como prática educativa (LIBÂNEO, 2001, p. 20).

Na sociedade da informação, baseada fundamentalmente no uso intensificado das tecnologias digitais, é primordial que a formação de professores esteja voltada para as questões das competências docentes, mas também não podem deixar de considerar as condições de trabalho que os professores possuem no desenvolvimento de suas atividades laborais, uma vez que lecionar não se relaciona a uma atividade burocrática que se adquire como conhecimento técnico-mecânica, mas a docência

corresponde a processos de humanização na qual a tarefa principal é a contribuir com o desenvolvimento dos alunos situados dentro de um contexto de vida social, político e cultural.

Por isso é de extrema relevância a formação de professores no que tange ao preparo didático-pedagógico no uso das TDICs em salas de aula. Para conseguir acompanhar todos os avanços, a formação de professores precisa discutir as tecnologias digitais no seu cotidiano escolar. Não há como separar a vida de fora da escola com a vida de dentro da escola, pois os alunos adentram os espaços educativos trazendo uma carga de conhecimentos e de informações que não podemos mais ignorar essas novas competências impulsionadas pelo uso frequente das tecnologias no mundo moderno.

O que se observa ainda na maioria das escolas é que os professores tem o desejo de modificar a forma de ensinar seus alunos, de inserir recursos didáticos diferentes da lousa e do giz, para assim diferenciarem e dinamizarem as suas aulas. Porém, a realidade é que os professores ficam perdidos em meio às mudanças sociais, às exigências educacionais e burocráticas advindas das Secretarias de Educação, sem muitas vezes, saber como lidar com a diversidade de informações veiculadas na sociedade. Somam-se a isso os inúmeros problemas sociais e emocionais colocadas pelos alunos, gerando situações desafiadoras para os professores todos os dias em salas de aula, e que provocam, em alguns professores, um sentimento de impotência profissional, uma vez que não conseguem amenizar esses problemas e conflitos, seja porque não foram preparados para isso, seja porque o ritmo e as condições de trabalho não permitem uma atenção adequada a esse aluno.

A realidade educacional tem colocado grandes desafios para professores e gestores que lidam com os diferentes problemas escolares. A tarefa não é simples, demanda estreito compromisso e conhecimento para compreender os contextos de vida dos estudantes durante os diferentes processos de formação humana. Nessa direção, concordamos com os autores que discutem educação e tecnologias, como Kenski (2012), Moran (2007) e Oliveira (1997) e outros, pois as transformações na educação somente acontecerão de fato, quando houver investimento dos governos, um planejamento específico e um redirecionamento das ações educativas e compromissadas na tarefa de qualificar todos os profissionais que lidam diretamente com o ensino-aprendizagem.

Os diversos desafios que a escola vem enfrentando relacionados à Alfabetização dos alunos que se encontram com dificuldades na aquisição da leitura e da escrita poderiam ser equacionados, se, para o conjunto dos professores o Estado garantisse condições de qualificação quanto às diferentes linguagens, especialmente as que se referem à linguagem tecnológica, para explorar a compreensão de como se desenvolvem os processos de ensino aprendizagem com o auxílio de ferramentas facilitadoras da prática educativa.

O Estado apresenta-se de forma contraditória nesse processo, em suas ações educacionais, pois, em suas bases de orientação presentes nos documentos, define que os professores precisam ser profissionais críticos, capazes de resolver as situações do cotidiano, mas, na maioria das vezes, esse mesmo estado, aparelhado por burocracia, envia tudo pronto para as escolas, apenas para que os programas sejam cumpridos, sem diálogo e sem a participação dos profissionais e da comunidade como um todo.

Nesse caso, os professores poderiam ser chamados a contribuir com profundidade na elaboração e avaliação das propostas educacionais, uma vez que são eles mesmos que colocam em prática as teorias e concepções que conferem as políticas de ensino.

Na literatura da legislação básica existe a garantia de aprendizagens de recursos tecnológicos na educação, mas atualmente a realidade apresentada nas escolas, principalmente as inseridas nas cidades do interior do estado de Mato Grosso, ainda está distante de efetivar uma inclusão digital. Assim, sabemos que uma sociedade só pode ser transformada quando as pessoas que vivem nela são também transformadas à medida que compartilham suas experiências e relações sociais umas com as outras.

Nesse contexto podemos reafirmar, alinhados com as ideias dos autores aqui destacados, a importância da escola como um espaço de construção permanente na formação dos seres humanos e de fortalecimento de identidade como sujeito histórico, político e social. Compreender, em sua existência plena, que é agente primeiro na transformação do mundo, das pessoas e do próprio ser humano, seria a primeira página da identidade docente que, no seu processo formativo, sabe que a educação é um campo humano por excelência.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52. ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da Informação**. 8. ed., Campinas-SP. Papirus, 2012. (Coleção Papirus Educação).

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 1. ed., Editora Alternativa, 2001.

SILVA, Marilda da. **Complexidade da formação de profissionais: saberes teóricos e saberes práticos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

<b>Data de Recebimento: 29/11/2018   Data de Aprovação: 20/12/2018</b>
--